

FONTE : Jornal do Brasil

CLASS. : Guimaraes 52

DATA : 22/90

PG. : 17

Embaixador diz que garimpo é crime contra seu povo

■ GUERRA

"As relações entre Brasil e Venezuela são só para paz. Não temos lutado uma guerra desde a independência. A última vez que o Exército da Venezuela saiu de casa foi até a Bolívia. Mas é um momento incômodo, muito desagradável para dois países vizinhos que têm um relacionamento tão grande na área política e econômica. Mas falar em problemas nas relações dos dois países é um exagero. Existe a vontade política dos dois governos de continuar juntos. Felizmente o governo brasileiro está entendendo que em nenhum momento houve de nossa parte a intenção de ocultar informações."

■ CONFLITO

"A fronteira entre os dois países não é uma área que represente risco. Se tirarmos os garimpeiros dali o problema acaba. Mas se continuarmos sem uma solução adequada para o problema, continuarão existindo estas situações desagradáveis. Existe uma confusão tão grande naquela área, que é um milagre que esta seja a primeira vez que ocorre um incidente com vítimas fatais. Se alguma coisa resultou desta situação desagradável foi ter chamado a atenção das pessoas sobre o problema existente nessa área. Espero que se faça o esforço necessário para frear isso senão o problema vai continuar. Porque essa situação do ouro é uma coisa difícil de parar. E temos de parar agora."

■ DESMENTIDOS

O governo venezuelano negou a derrubada do avião brasileiro nos primeiros dias porque as únicas informações de que dispúnhamos depois do acidente era o depoimento dos dois garimpeiros sobreviventes, que durante a permanência num hospital venezuelano negaram que seu avião tivesse sido derrubado. Eles negaram que tinham sido abatidos e falaram em problemas no motor. Essa era a nossa informação a nível de governo. Os militares que atiraram no avião brasileiro não comunicaram o fato a seus superiores. Nunca tivemos essas informações. As pessoas que atiraram não informaram o fato, como deviam ter feito. Houve um desvio de informações. Mas esse é um problema interno nosso. Um grave proble-

■ DEFESA

"A derrubada do avião brasileiro não foi uma ação do governo da Venezuela. Nem do Exército da Venezuela. Nem da Guarda Nacional da Venezuela. Foi uma ação de algumas pessoas, membros da Guarda Nacional da Venezuela. Mas eles cumpriram com sua função, que é proteger o país de invasões deste tipo. Os militares estão nas fronteiras para cuidar de fronteiras. O avião dos garimpeiros brasileiros recebeu duas vezes uma advertência, não obedeceu e somente depois teriam acontecido os disparos. Concordo que não é um fato normal na relação de dois países. Também não é o melhor que poderia ter acontecido. Mas se alguém entrar armado na minha casa eu não posso ficar parado olhando. Eu nunca usei um revólver na minha vida. Detesto armas. Sou a pessoa menos militar na face da Terra. Respeito muito os militares, mas eu não sou nada castrense. Sou o anticastrense. Não sou uma pessoa violenta e não acho que se solucionam os problemas através da violência. Nunca acreditei nisso. Mas esses homens na fronteira têm sua função, que é proteger a fronteira daqueles que invadem nosso país. Dentro do que é sua função eles agiram legitimamente. É uma atividade criminosa invadir um país, roubar seus recursos, poluir seus rios e destruir seu meio ambiente. Este problema para nós é muito grave. Não vamos permitir isso."

■ CAÇAS

"Funcionários da Funai informaram que quatro caças venezuelanos, carregando bombas, teriam invadido o espaço aéreo brasileiro na segunda-feira passada. Não temos caças na região. Apenas helicópteros e aviões de observação tipo Bronco OV-10. Essas aeronaves têm um depósito de combustível embaixo que poderia parecer uma bomba. Houve uma confusão. Nada necessariamente mal intencionado, mas típico de pessoas que não sabem diferenciar um avião lento de um caça. Não nego a possibilidade dessas aeronaves venezuelanas terem ultrapassado o espaço aéreo brasileiro, até por dificuldades dos pilotos de visualizar a linha de fronteira. Quando participei, algum tempo atrás, a convite do governo brasileiro, de um encontro de autoridades dos dois paí-

Ricardo Miranda Filho

BRASÍLIA — A última vez em que o Exército venezuelano deixou sua terra para lutar, durante a guerra pela independência, foi parar na Bolívia. Por isso mesmo as relações entre Brasil e Venezuela estão mais para a paz do que para a guerra. Quem garante é o embaixador da Venezuela, Sebastian Alegrett, há pouco mais de um ano no cargo, para quem os desentendimentos na fronteira dos dois países não têm nada a ver com seus governos, mas têm um único culpado: os garimpeiros. "É uma atividade criminosa invadir um país, roubar seus recursos, poluir seus rios e destruir seu meio ambiente", afirma.

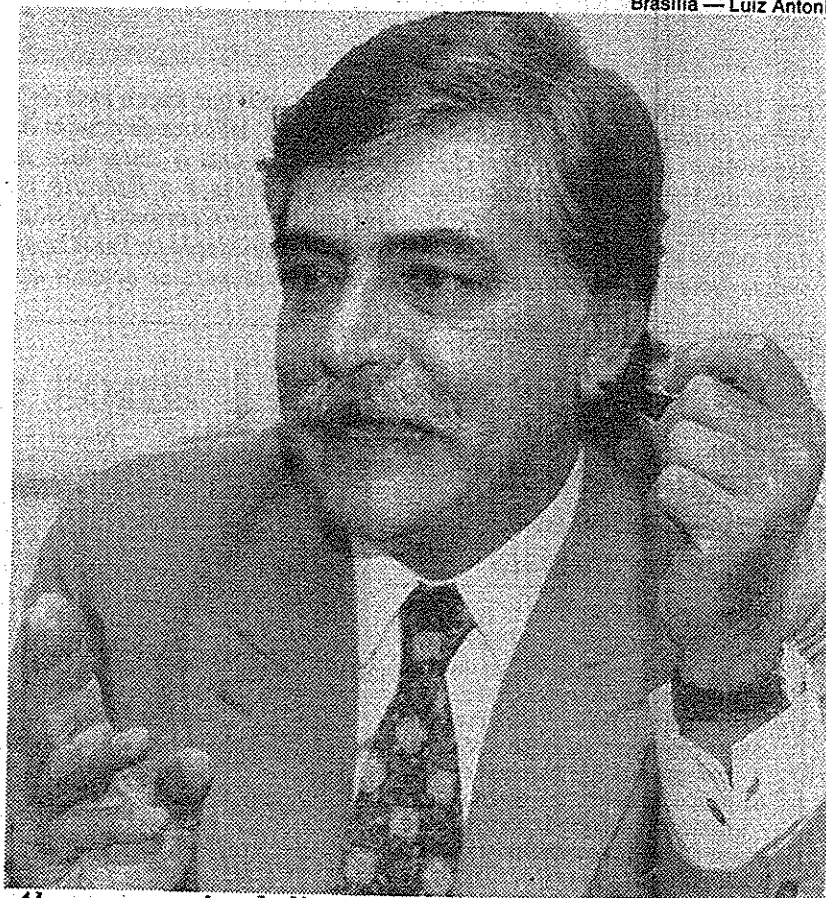
Alegrett conheceu o Brasil quando freqüentava, junto com amigos intelectuais, restaurantes brasileiros em Caracas, degustando porções de feijoada com caipirinha. Nessa época ele também acompanhava, pela televisão venezuelana, novelas brasileiras, como Roque Santeiro e Escrava Isaura, dubladas em castelhano. O embaixador aposta numa

solução conjunta para o problema do garimpo, mas teme que esteja crescendo dentro da Venezuela um sentimento anti-brasileiro.

"Não pretendemos colocar tanques nem aviões-caça na fronteira com o Brasil", diz Alegrett. Mas ele admite que o governo venezuelano decidiu aumentar seu contingente na fronteira, depois que soldados da Guarda Nacional da Venezuela derrubaram um avião brasileiro Cessna dentro de território venezuelano, causando a morte do piloto José Xavier de Mendonça e de um garimpeiro. O embaixador comprou agora uma briga com José Altino Machado, que comanda a União Sindical dos Garimpeiros da Amazônia Legal. Ele acredita que a entidade está ligada ao narcotráfico.

Alegrett mostrou ao JORNAL DO BRASIL as imagens gravadas na semana passada pelo Exército da Venezuela, mostrando a devastação causada pelos garimpos em seu território. "Que faria o Brasil se encontrasse o seu território invadido assim?", pergunta o embaixador. "Provavelmente o mesmo", responde ele mesmo.

Brasília — Luiz Antonio



Alegrett suspeita de ligações do garimpo com tráfico

ses na fronteira, o avião brasileiro, para poder aterrissar no campo de pouso, teve de fazer um giro sobre o espaço aéreo venezuelano. E isso não foi considerado uma invasão. Não tem nenhum sentido falar em invasão nesses casos. A própria Força Aérea Brasileira não deu importância para esse fato."

■ MIGRAÇÃO

"Não é só uma questão de vontade política para resolver o problema do garimpo. São necessários recursos e uma política bem pensada e bem coordenada dos dois países. É evidente que o problema na fronteira não é territorial, porque a área invadida pelos garimpeiros brasileiros é sabidamente venezuelana. Mas é inegável também que o problema do garimpo no Brasil é um problema social. Nossas sociedades têm dificuldades para dar emprego a todos. A Venezuela tem recebido mais migrantes do que pode suportar, vindos da Colômbia, do Peru, do Equador, das Antilhas, das Repúblicas Dominicanas. A migração oficial de brasileiros é relativamente pequena. Mas essa migração causada pela ilusão do ouro é terível porque é uma massa de pessoas muito pobres, com a ilusão de fazer fortuna, que arriscam tudo e são facilmente conduzidas por esses intermediários dos traficantes de ouro. O garimpo é uma verdadeira escravidão de homens, porque tudo o que eles ganham ali, gastam ali mesmo. E se envenenam com o mercúrio, pegam malária e são presos como criminosos."

■ NARCOTRÁFICO

"Os garimpeiros são pessoas pobres, controladas por entidades como a Usagal (União Sindical dos Garimpeiros da Amazônia Legal, comandada por José Altino Machado). Admito a possibilidade do envolvimento desta entidade com o tráfico de ouro e mesmo com o narcotráfico. De fato existe uma nova rota do narcotráfico utilizando a estrutura dos garimpos na fronteira entre o Brasil e a Venezuela. E essas entidades têm centenas de aviões, uma rede de comunicação por rádio, embarcações e uma estrutura muito bem montada. É uma tentação fácil vincular as duas coisas. Seria bom saber se esses garimpeiros têm vínculos com o narcotráfico. Mas é um problema da polícia brasileira.

Agora, tenho lido algumas declarações desse Altino. É surpreendente. Ele ficou doído."

■ TROPA

"Não pretendemos colocar tanques nem aviões-caça na fronteira com o Brasil. Vamos simplesmente reforçar nosso contingente na fronteira para impedir a devastação de nosso território. Mais que um aumento do efetivo militar na fronteira, com a rotina de fiscalizar e controlar nossos limites, queremos fixar as pessoas na região, desenvolvendo vilas na área. Temos regiões muito despovoadas e controlar tudo isso não é fácil. Mas não acho que a fronteira deva ser militarizada no sentido antigo do termo."

■ PRISÃO

"Temos com o Brasil o acordo mais liberal da Venezuela com qualquer outro país. Os brasileiros não precisam mais de visto para entrar no território venezuelano. Mas o passaporte ainda é obrigatório. A prisão deste cidadão brasileiro (o ex-subsecretário de Polícia Civil do Rio, Hekel Raposo, e sua mulher, foram presos, no último fim de semana, na cidade de Barinas, no interior da Venezuela, e colocados numa cela comum com três dezenas de presos, apenas porque estavam sem passaporte) foi um fato desagradável e penoso, mas os policiais não são doutores. Não estou justificando o fato. Foi um exagero e os policiais poderiam ter perguntado melhor. Mas ele não foi maltratado, simplesmente foi preso. Isso pode acontecer em qualquer parte do mundo. Felizmente foram somente umas horas desagradáveis. E não foi o melhor momento para que isso acontecesse."

■ SIMPATIA

"Sempre tivemos muita admiração pelas coisas brasileiras. É uma simpatia natural e não podemos deformar essa imagem positiva que o venezuelano tem do brasileiro. Mesmo se conhecendo pouco. E agora quando começamos a nos relacionar mais acontecem estes fatos lamentáveis. Espero que esse problema dos garimpeiros não crie sentimentos negativos em nosso povo. Não é o Brasil que está invadindo território venezuelano, são alguns brasileiros."